

CRÔNICAS E CONTROVÉRSIAS

PARA UMA HISTÓRIA DOS ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM

Eduardo Guimarães
IEL/Labeurb - Unicamp

ENTRE AS HIPÓTESES do senso comum sobre o que é a linguagem e as línguas, podemos encontrar hoje a predominância de uma que considera a linguagem como instrumento de comunicação. Hipótese muito própria do mundo contemporâneo marcado, entre outras coisas, pela mídia. Esta hipótese acompanha duas outras, pelo menos: a de que dizer é, fundamentalmente, informar; e a de que a linguagem expressa nossos pensamentos (e sentimentos). São hipóteses tomadas, enganosamente, pelo senso comum como composito, em seu conjunto, uma concepção inquestionável do que é a linguagem.

Ao lado destas hipóteses, opera ainda uma outra que incide diretamente sobre o que é uma língua, e o que é falar uma língua específica. Mais precisamente, o que é uma língua nacional e o que é falar esta língua. Neste caso, entra em cena a hipótese de que uma língua é aquilo que é tomado como padrão de correção por uma elite escolarizada e culta.

1. Um Interesse Milenar

O interesse pela linguagem data da Antiguidade clássica. Tal interesse se apresenta, na Grécia, no interior da filosofia, que se viu levada a estudar a estrutura do enunciado para poder tratar do juízo. Isto levou Platão¹ a estabelecer a primeira classificação das palavras de que se tem conhecimento. Para ele, as palavras podem ser nomes e verbos. Depois dele, Aristóteles² considerou uma outra classificação das palavras: nomes, verbos e partículas. Se aqui temos a primeira divisão da cadeia de sinais lingüísticos pelo reconhecimento de uma diferença de categoria entre palavras, estamos diante de uma posição que toma como interesse a relação

da linguagem com o conhecimento. A divisão entre nomes e verbos procura descrever a estrutura do juízo, que deve falar de como é o mundo.

Ao lado dos estudos filosóficos, também na Grécia, desenvolveram-se os estudos retóricos e gramaticais. A Gramática pode ser considerada como elemento de uma das primeiras revoluções tecnológicas da história do Homem.³ A gramática constitui-se na história como uma instrumentação das línguas que, enquanto arte (no sentido latino) ou técnica (no sentido grego), apresenta-se como um modo de ensinar a ler e a escrever corretamente. Ou seja, a Gramática⁴ instala como central no domínio dos estudos da linguagem a qualidade da correção. Qualidade que toma várias feições no decorrer da história e permanece, ainda hoje, como um modo de regular as línguas como línguas dos Estados Nacionais, com todas as conseqüências que isso traz. Por outro lado, a Retórica⁵ se apresenta como o estudo das técnicas de convencimento dos ouvintes por aquele que fala, o orador. Neste caso, o que interessa é como dizer para levar o ouvinte à conclusão projetada. Estamos diante de duas posições distintas: de um lado, uma norma de correção (gramática); de outro, as regras de como proceder para convencer, para alcançar o ouvinte (retórica). De um lado, o “valor” da língua; de outro, a adequação da relação orador/auditório.

Ainda na Antiguidade, podemos retornar à Índia, onde o interesse religioso levou a estudos bastante rigorosos dos aspectos fonológicos do sânscrito. Estes estudos tinham a finalidade de estabelecer de modo perfeito que som deveria ser produzido nos cânticos sagrados, para que eles tivessem validade sagrada. Estes estudos levam a uma rigorosa descrição dos sons, que podemos encontrar na gramática de Panini,⁶ num certo sentido um precursor remoto de estudos estruturais do século XX. Neste caso, o que está em jogo é a correção da descrição de uma qualidade fônica, está em jogo a descrição da forma da língua, nela mesma.

2. Saussure: as Idéias Lingüísticas na Entrada do Século XX

O pensamento moderno sobre a linguagem instala-se a partir do início do século XIX, com a lingüística comparativa.⁷ Neste momento, a lingüística se apresenta tomando como objeto a mudança lingüística, motivada por um projeto de poder reconstituir o passado lingüístico das línguas européias e asiáticas. A questão principal aqui são as relações genealógicas entre as línguas, e o objeto do lingüista são as formas no seu processo de mudança. Toma-se uma forma para saber como ela era antes,

busca-se reconstruir por comparação entre as línguas aparentadas (dizia-se da mesma família) o passado da forma em questão. Este procedimento, que se dá no interior de uma posição naturalista, biológica⁸ sobre a linguagem, se caracteriza fundamentalmente pela formulação das chamadas leis fonéticas. Ou seja, as mudanças seriam resultado necessário de certas características das formas das línguas. Vamos dar um exemplo, tomando a passagem do latim vulgar (popular) para o Português:⁹ As palavras do Português mantêm a acentuação tônica do latim: *muliére*> mulher, *intégru*> inteiro, *cathédra*> cadeira, *tenébras*> trevas, etc.

Os estudos sobre a linguagem tomaram a forma que têm hoje a partir de mudanças no domínio da lingüística, constituídas no início do século XX, pelo abandono do naturalismo dominante no comparatismo do século XIX. É deste momento um dos três principais movimentos fundadores nos estudos lingüísticos naquele século, o Curso de Lingüística Geral de Ferdinand Saussure, na Universidade de Genebra, nos anos de 1906-1907, 1908-1909, 1910-1911. Este curso foi posteriormente transformado em livro, por dois de seus discípulos (Charles Bally e Albert Sechehaye¹⁰), depois da morte de Saussure, a partir das anotações de vários de seus alunos.

A posição de Saussure, vindo do comparatismo do século XIX, no qual ele se formara, procura, de algum modo, ligar duas tradições daquele momento, a alemã e a francesa. É assim que Saussure chega à sua clássica distinção entre língua e fala, como forma de definir um objeto específico para a lingüística, que, segundo ele, apresentasse uma homogeneidade interna, sem o quê seria impossível pensar a linguagem cientificamente. A língua é este objeto homogêneo que ele caracteriza como um sistema de formas que se caracterizam pelas relações que têm umas com as outras. Estamos diante de uma concepção da língua como sistema, que substitui a concepção naturalista, organicista, e atomista, própria do comparatismo. E ao lado dessa distinção Saussure coloca uma outra, a distinção entre sincronia e diacronia. Assim, embora ele reconheça o lugar dos estudos das mudanças, considera que a lingüística deveria colocar no centro de seu interesse o estudo do sistema da língua num momento dado. Segundo ele, no funcionamento da língua, não se é levado pelo que as formas foram, mas por aquilo que elas são e pelas relações que elas têm naquele momento da história. Para quem fala, não interessa se *mulher* veio de *muliére*, mas que *mulher* se opõe a *homem*, por exemplo. Estão em questão aqui relações sistemáticas de simultaneidade e não relações de sucessão.

Assim, temos no campo da lingüística o problema da descrição do que a lingüística chamou depois de estrutura, ao lado do estudo da mudança. E a lingüística do século XX, embora tenha sido basicamente sincrônica, manteve forte produção na linha histórica, evidentemente afetada pelo corte da distinção saussureana que, ao estabelecer a língua como objeto da lingüística, constituiu um objeto no qual não estavam incluídas as questões do sujeito, da relação com o mundo, e mesmo a questão da significação, que foi substituída por aquilo que Saussure chamou de valor das formas lingüísticas. Estamos aqui no domínio do lingüístico enquanto relação com o lingüístico. Ou seja, nada no lingüístico é externo à língua. Neste caso, por exemplo, não interessa a relação das formas da língua com os objetos do mundo ou com o pensamento. Não está em questão em Saussure nem a referência, nem a expressão do pensamento. Busca-se estar num domínio autônomo que não é o filosófico nem no sentido aberto por Platão, de um lado, nem no de Aristóteles, de outro. Nem no sentido de Descartes,¹¹ no século XVI (que retoma Platão num certo sentido), em que a questão é cognitiva (ligada à estrutura do pensamento).

3. Caminhos do Estruturalismo

Este corte saussureano põe os estudos da linguagem num novo caminho que se desdobra por várias direções: desde estudos comparatistas que se renovaram pela concepção de sistema de Saussure, até estudos sincrônicos que, lidando com os limites do objeto saussureano, buscam incluir no lingüístico o sujeito. Este é o caso, por exemplo, de Benveniste,¹² que instala um domínio específico para os estudos enunciativos, ou seja, para considerar o funcionamento da língua marcada na sua estrutura pela relação que aquele que fala (o locutor) tem com ela. Estes trabalhos tiveram vários desdobramentos bastante conhecidos no Brasil, como a semântica argumentativa, desenvolvida a partir da noção de escala argumentativa de Ducrot¹³ e que aparece também nos trabalhos de C. Vogt.¹⁴ A semântica argumentativa considera que o fundamento do sentido são estas relações “retóricas” que se marcam na língua, de tal modo que falar é ser tomado por estas relações de argumentação. O retórico é assim tomado como integrado no lingüístico. Para esta semântica, o sentido não é uma relação da linguagem com o mundo, constituído a partir de um conceito de verdade, mas uma relação própria do acontecimento de enunciação que constitui os lugares do locutor e seu destinatário.

Paralelo a este tipo de trabalho, podemos, encontrar, também no campo do estudo da significação, aqueles que vêm pela via da filosofia analítica inglesa e que deixaram para os estudos da linguagem a concepção dos atos de fala. Ou seja, considera-se que falar é fazer algo. Por exemplo: dizer *eu prometo x* não é informar que se está prometendo. Dizer *eu prometo x* é a própria de promessa de fazer *x*. Aqui uma das figuras fundamentais é o filósofo inglês Austin¹⁵ e sua clássica obra *How to Do Things with Words*, publicado em 1962. Os trabalhos da filosofia analítica desenvolveram-se fortemente num campo conhecido como pragmática, que já se desenhara nas formulações de Morris na década de 30 do século XX,¹⁶ numa linha ligada ao pragmatismo de Peirce,¹⁷ americano do final do século XIX, e criador da semiótica.

Numa de suas formulações atuais, feita a partir de Grice, para a pragmática, o sentido é pensado como intenção do falante, que ele comunica ao ouvinte na medida do reconhecimento da intenção que teve. Estamos aqui diante de um certo tipo de psicologismo, em que o sujeito da linguagem é tomado como dono de suas intenções, precedendo o seu próprio dizer. Este psicologismo distingue estes trabalhos da pragmática dos estudos enunciativos constituídos no interior das posições estruturalistas, como os de Benveniste, por exemplo.

Outros caminhos que de algum modo circulam neste espaço saussureano são os que desembocaram no funcionalismo de Jakobson de um lado e Martinet de outro. A posição de Jakobson teve também larga repercussão no Brasil, notadamente por suas posições comunicacionais, ou seja, pela consideração da linguagem como instrumento de comunicação e pelo diálogo que manteve, a partir desta posição, com a antropologia e a teoria da informação. Tornou-se um clássico, entre outros, seu trabalho sobre as funções da linguagem, que está em “Linguística e Poética”.¹⁸

Num outro caminho do estruturalismo com filiação saussureana, podemos pensar em Hjelmslev,¹⁹ que vai desenvolver um estruturalismo não funcionalista e que afetou diretamente um tipo de estudo da significação, a semântica estrutural de Greimas, que se constituiu enquanto uma semiótica estrutural. No Brasil, esta posição desenvolveu um diálogo particular com a análise do discurso, nas obras de José Luis Fiorin e Diana Pessoa de Barros, como parte do movimento de incluir no tratamento semiótico os aspectos ideológicos da significação.

O Estruturalismo que caracteriza a lingüística européia em meados do século XX dará a esta disciplina a posição de ciência piloto das ciências humanas. Veremos, então, o estruturalismo avançar para os domínios da antropologia, da sociologia, da psicanálise, da Filosofia, configurando elementos fundamentais do pensamento de autores como Lévi-Strauss, Lacan e Althusser, por exemplo. Esta via passa a pôr no centro da questão das ciências humanas o simbólico, ou seja, os fatos humanos significam, estão estruturados enquanto significação.

4. O Formal e uma Nova Busca da Gramática

Um segundo movimento fundamental da lingüística do século XX é marcado pelo trabalho de Chomsky, que se inscreve numa tradição americana da lingüística. Ele busca, ao mesmo tempo, para fundamentar uma nova posição biológica para a linguagem, o cognitivismo do século XVI. Aqui, a linguagem passa a estar diretamente ligada à questão do pensamento e aparece como instrumento de expressão do pensamento. Isto se constitui a partir de uma posição metodológica claramente formal e lógica. O trabalho de Chomsky e a Gramática Gerativa e Transformacional colocam como central na lingüística as relações das unidades lingüísticas entre si, ou seja, a sintaxe. Para ele, as pessoas falam porque têm um órgão da linguagem. A capacidade (o que o gerativismo chama competência) para falar é inata na medida mesmo em que é biológica. Deste modo, Chomsky²⁰ recoloca a lingüística no domínio das ciências da natureza, tal como no comparatismo do século XIX, com uma diferença fundamental: o biologismo é posto fora do historicismo. O Biológico é pensado a partir de uma concepção universal e não a partir de uma visão de uma história natural, em que o que se punha em realce eram as diferenças entre as espécies, etnias, etc. Para Chomsky, a questão é que o Humano é biologicamente universal e é o mesmo para todos, e a linguagem é parte desta caracterização naturalista e universal do homem.

Na medida em que se constitui como uma gramática, a teoria chomskyana concebe o conhecimento sobre as línguas como um conjunto de regras de como formar frases. Estas regras são consideradas como constituindo a competência dos falantes, considerados idealmente, ou seja, fora de qualquer situação histórica particular.

Este movimento formal encontra também sua face semântica. Baseando-se em posições da lógica do final do século XIX e início do século XX (como os de Frege e Russell²¹), desenvolve-se um estudo da

significação que se formula como um sistema lógico e constitui a noção de sentido a partir do conceito de verdade. Ou seja, está-se aqui numa posição relacionada ou ao idealismo platônico, ou ao pensamento aristotélico. Estes estudos se dão com frequência no interior da filosofia da linguagem, onde encontramos autores como Wittgenstein (do tratado lógico-filosófico), Grice e Davidson.²²

5. O Lingüístico e as Diferenças Culturais e Sociais

Se o que até aqui se colocou formula aspectos de concepções da unidade do lingüístico, podemos encontrar a consideração da não unidade da língua na lingüística do século XX, a partir de considerações ligadas tanto à antropologia quanto à sociologia. No Caso da Antropologia, encontramos o pensamento de Sapir, lingüista americano formado a partir das posições da Antropologia de Boaz. Para ele, a língua é parte da cultura de um povo e é assim marcada por esta cultura. Estamos aqui diante de uma concepção em que a linguagem é pensada a partir de elementos exteriores que a constituem. Mattoso Câmara, já no início da década de 40 do século XX, inicia, no Brasil, um trabalho ligado a estas concepções, que ele formula, também, a partir das posições vindas de Saussure, notadamente pela via de Jakobson e Martinet. Ele é, ao mesmo tempo, um lingüista de formação histórica e deixa uma obra estruturalista que vai do estudo histórico da Língua Portuguesa à descrição sincrônica do Português dito padrão. Dedicase, ainda, à estilística, ao lado de vasto trabalho no campo das línguas indígenas.

Um outro movimento oposto ao da universalidade e unidade do lingüístico, pensado agora enquanto competência, é o da sociolingüística quantitativa americana de Labov. Aqui a língua é pensada como tendo uma estrutura variável que se pode conhecer por um método quantitativo, através do qual é possível estabelecer relações entre uma divisão estratificada da sociedade e a variabilidade estatística da língua. Neste caso, o externo que determina a língua é pensado como distinto do lingüístico e a sociolingüística incumbe-se de estabelecer as correlações entre uma estratificação social e a variabilidade das estruturas lingüísticas.

Estas posições antropológicas e sociolingüísticas trazem para a discussão atual questões relativas ao que se costuma chamar contato de línguas. Aspectos já postos em pauta, a partir do comparatismo, por Hugo Schuchardt²³ na passagem do século XIX para o XX.

6. Mais um Movimento do Lingüístico no Domínio das Ciências Humanas e Sociais

Um terceiro momento decisivo na história dos estudos da linguagem no século XX é marcado por uma posição teórica que busca pensar a relação entre a exterioridade e o lingüístico como uma relação histórica e constitutiva do processo lingüístico. Estamos aqui diante da posição da Análise de Discurso que se desenvolve a partir do final da década de 60 do século XX na França. De um lado, podemos lembrar aqui o pensamento de Foucault, no interior de um pensamento filosófico dedicado ao estudo da história, e de outro o pensamento de Pêcheux,²⁴ que constitui a análise do discurso como modo de se poder pensar o histórico e o político como próprios do processo de significação do dizer (no qual se constitui o sujeito). Para esta posição, o objeto fundamental dos estudos é o discurso enquanto objeto integralmente lingüístico e integralmente histórico. Ou seja, a exterioridade não se apresenta como um fora a que a linguagem deve ser correlacionada, ela é parte do que é próprio da linguagem e de seu funcionamento. E. Orlandi²⁵ traz para este campo, entre outras, duas contribuições específicas. A primeira é a formulação de que a questão do sentido diz respeito a uma tensão entre a polissemia (os muitos e sempre outros sentidos) e a paráfrase (o dizer o mesmo). A segunda é a consideração de que o sentido não diz respeito ao segmental, mas a que o silêncio significa, e é isto que faz o sentido da linguagem.

Reencontra-se, assim, uma posição que coloca a questão da linguagem no centro da cena das ciências humanas. A diferença, aqui, relativamente ao estruturalismo, é que está em questão a historicidade, que não está presente nem no social saussureano, nem no funcionalismo de Jakobson, nem mesmo, num certo sentido, nas abordagens diacrônicas e magistrais de Benveniste nos seus estudos do Indo-europeu. Ou seja, a historicidade não está na análise do discurso definida pelo tempo, enquanto dimensão do mundo, mas por uma especificidade determinada pela ideologia, por uma materialidade sócio-histórica.

7. Uma Cena Contemporânea

Do ponto de vista das ciências da linguagem hoje, vivemos um embate entre: a) um cognitivismo naturalista que o pensamento chomskyano reintroduziu e que localiza a lingüística no interior da biologia (enquanto ciência psicológica), ou seja, das ciências naturais; b) posições derivadas do estruturalismo, como os estudos enunciativos, para os quais

o funcionamento da língua se dá porque a língua está marcada por formas próprias para seu funcionamento no acontecimento enunciativo; posições, então, que mantêm a questão da autonomia do lingüístico posta por Saussure; c) posições que procuram estabelecer diálogos entre as diversas disciplinas das ciências humanas que levam a pensar o lingüístico como definido por uma correlação com o que está fora do lingüístico: o antropológico, o social, o psicológico, etc. d) posições como a da análise de discurso, que põem em cena a questão de que não se pode reduzir o lingüístico nem ao social (antropológico) nem ao psicológico, pois a linguagem é, ao lado de integralmente lingüística – num certo sentido saussureano – também integralmente histórica.

Notas

¹ Filósofo grego do século IV a.C.

² Filósofo grego do século IV a.C.

³ Esta é a posição de S. Auroux, em *A Revolução Tecnológica da Gramatização*, Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

⁴ Como marco da história da Gramática na Grécia pode-se considerar Dionísio da Trácia, Gramático do século II a.C.; também deste século é o gramático latino Varrão.

⁵ Pode-se considerar o início da retórica no século IV a.C. com Corax e Tísias. Decisiva nesta história é a Retórica de Aristóteles.

⁶ Gramático hindu do século IV a. C. Do século II a.C é Pantañjali que, junto com Panini, constitui a tradição da gramática normativa do sânscrito.

⁷ Considera-se o trabalho de Franz Bopp, *Sobre o sistema de Conjugações do Sânscrito, Grego, Latim, Persa e Línguas Germânicas*, publicado em 1816, como um marco para a constituição da lingüística comparativa. Outra obra fundamental é a *Gramática Germânica* de Grimm, de 1819. Antes deles, pode-se considerar o trabalho de Rasmus Rask de 1811, publicado em 1818.

⁸ A lingüística é considerada uma disciplina da biologia.

⁹ Como se sabe, o Português é resultado de mudanças históricas específicas a partir do latim vulgar.

¹⁰ A primeira edição do *Curso de Linguística Geral* de Saussure é de 1916. Saussure nasceu em 1857 e morreu em 1913.

¹¹ Filósofo Francês (1596-1650).

¹² Lingüista Francês (1902-1976). Ver fundamentalmente seus artigos nas seções “O Homem na Língua” e “Comunicação”, em *Problemas de Linguística Geral I e II*. Estas obras reúnem sua produção em lingüística geral desde o final da década de 30 do século XX. Publicados no Brasil por Pontes, Campinas.

¹³ Ver “As Escalas Argumentativas” de 1983, traduzido para o Português em *Provar e Dizer*. São Paulo: Global, 1981. Ver também “Argumentação e ‘topoi’ argumentativos”. Publicado em *História e Sentido na Linguagem*, Campinas, Pontes, 1989.

¹⁴ Ver, por exemplo, *O Intervalo Semântico*, São Paulo, Ática, 1977 e *Linguagem, Pragmática e Ideologia*, São Paulo, Hucitec, 1980.

¹⁵ Filósofo inglês (1911-1960).

¹⁶ Ver *Fundamentos da Teoria dos Signos*, de 1938. Publicado no Brasil por Eldorado Tijuca/Edusp, Rio de Janeiro, 1976.

¹⁷ Charles Sanders Peirce (1839-1914).

¹⁸ Texto de 1960, publicado no Brasil em *Linguística e Comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1969. Jakobson nasce na Rússia em 1896 e morre nos Estados Unidos em 1982.

¹⁹ Linguísta dinamarquês (1899-1965).

²⁰ Podem-se considerar como obras de fundação de seu pensamento *Estruturas Sintáticas*, de 1957 e *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, de 1965. Para se observarem as mudanças de modelo da teoria, numa análise do Português, pode-se recorrer a *Análise Sintática*. São Paulo, Ática, 1984, de Miriam Lemle; e *As Gramáticas do Português*, Campinas, Editora da Unicamp, 2001, de Charlotte Galves.

²¹ Podemos lembrar, de Frege, “Sobre o Sentido e a Referência” de 1892, publicado no Brasil em *Lógica e Filosofia da Linguagem*, São Paulo, Cultrix/Edusp, 1978; e de Russell, “Da Denotação”, de 1950, publicado no Brasil em *Os Pensadores XLII*, São Paulo, Abril, 1974.

²² O *Tratado Lógico-Filosófico* é publicado em 1921. De Grice ver, por exemplo, “Lógica da Conversação”, de 1967; e de Davidson “Verdade e Sentido”, de 1967, publicado no Brasil em Dascal, M. *Semântica*, Campinas, 1982.

²³ Linguísta alemão (1842-1927).

²⁴ Ver, entre outros trabalhos seus, *Análise Automática do Discurso*, de 1969, publicado no Brasil em *Por Uma Análise Automática do Discurso*, Campinas, Editora da Unicamp, 1990; *Semântica e Discurso*, de 1975, publicado no Brasil pela Editora da Unicamp, Campinas, 1988; e *Discurso. Estrutura ou Acontecimento*, de 1983, publicado no Brasil por Pontes, Campinas, 1990.

²⁵ A este respeito ver *A Linguagem e seu Funcionamento*, de 1983, Campinas, Pontes, 1987; *As Formas do Silêncio*, Campinas, Editora da Unicamp, 1992; *Interpretação*, Petrópolis, Vozes, 1996.